

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Capítulo

1



Eu tinha 11 anos quando numa tarde quente de outubro decidi ser na vida um canalha. Foi uma espécie de revelação. Ganhei um bom dinheiro num jogo de cartas e esse triunfo matou em mim o garoto obediente de colarinho engomado e botinhas engraxadas e colocou em seu lugar um vigarista sem remorsos. Raspando com as mãos em concha o dinheiro das apostas, comecei ali a jornada que fez de mim exatamente quem eu queria ser.

O jogo foi no cemitério de Santana do Ouro Velho e aproveitávamos a sombra de um anjo de asas abertas esculpido em pedra-sabão. A mesa era um túmulo de mármore negro onde jazia um alfaiate, morto pelo irmão caçula com golpes de tesoura durante uma discussão sobre três metros de linho. Arriscávamos ali as nossas mesadas, e apostar aquelas moedas de cobre sobre o cadáver de um homem brutalmente assassinado tornava o jogo ainda mais excitante. E Deus sabe que vivíamos para a excitação. Éramos três garotos mimados, filhos de barões do café e traficantes de escravos, e sobre o mármore havia uma quantia considerável. Jogávamos o *Voltarete*, como todo mundo no Império. A ideia foi de Tomaz, um garoto ruivo de olhos azuis e enormes dentes amarelos que faziam você pensar em cavalos sempre que ele sorria. Era dois anos mais velho do que eu e o Imperador da Escola. Dava ordens, decretava leis, exigia tributos e impunha sentenças sem sofrer qualquer contestação. Sua liderança era mantida pelo medo, não tanto pela força física; não era o maior garoto da escola nem o mais violento, mas tinha um temperamento instável, imprevisível e perigosamente rebelde. Transgredia todas as regras sem medo dos adultos e era capaz de tirar do bolso do paletó novidades sempre excitantes: uma garrafinha de conhaque, um dedo arrancado de um escravo enforcado, uma

caixa de charutos. Certa vez apareceu com uma pistola *Simeon North 1819* escondida num saco de pano onde guardava a merenda. Para nosso jogo naquela tarde quente, ele havia surrupiado o baralho de um cocheiro e estava confiante de que poderia esvaziar os nossos bolsos. Já tinha destino certo para as nossas moedas e avisou que, para cumprir o que chamou de seus “compromissos”, jogaria sem misericórdia. Aos 13 anos era conhecido nos bordéis do Beco do Lampião como “Fagulha” e deixava por lá mais dinheiro do que a maioria dos homens da cidade. Afonso era o terceiro jogador, um menino da minha idade e um animalzinho doente e assustado. Tinha as palmas das mãos suadas até mesmo no inverno e recuperava a saúde na casa dos avós enquanto o pai fazia fortuna como um dos maiores traficantes de escravos do Rio de Janeiro.

Mais de meio século escorridos na ampulheta desde aquela tarde e ainda me lembro da expressão de Tomaz usando a máscara de dor que todo jogador conhece ao perceber que foi abandonado pela Fortuna, essa maldita deusa cega. Empilhei cuidadosamente minhas moedas sobre o mármore sentindo uma felicidade imensa, não tanto pelo dinheiro, mas por ver no rosto sardento e esperto de Tomaz aquela expressão de derrota. Era a primeira vez que eu o vencia. Até aquele dia eu estava feliz em ser o Primeiro-Ministro ou ao menos o seu súdito favorito, e, por isso, tive que me conter para não gargalhar ao vê-lo sacudindo a cabeça, alisando os cabelos e tentando sorrir para não demonstrar fraqueza. Afonso remexia os bolsos vazios sem saber também como havia perdido tolamente uma fortuna. Eu tinha limpado os dois com uma sequência improvável de três *voltaretes de respeito*, a maior combinação de cartas do jogo.

Naquela tarde, aprendi o que todo jogador profissional é obrigado a saber: no carteadado há sempre um tolo e um ladrão. Eu havia marcado com a unha do polegar o verso dos ases negros e assim não foi difícil controlar o jogo. Não queria só me divertir nem estava especialmente interessado em ganhar dinheiro. Em algum ponto muito além da excitação pelas apostas nasceu em mim um poder maligno: eu queria ganhar tudo de todos. Foi esse clarão, essa revelação perversa que me cegou por mais de três décadas; o poder de enganar e humilhar, a satisfação de controlar na ponta dos dedos o destino de cada adversário, o domínio perfeito dos próprios nervos, a aventura de explorar o vasto território entre a matemática das

probabilidades e o comportamento humano. Naquela tarde quente, trapaceando entre um anjo de pedra e o cadáver de um homem assassinado, roubando os meus melhores amigos de infância, decidi tornar-me na vida um canalha e abracei este destino com o fervor de quem aceita um sacramento e a gratidão de quem recebe uma graça.



Se você espera ganhar sempre, não pode pensar que trapacear é um pecado. Esqueça qualquer noção de virtude, honra, honestidade e nobreza. Sua consciência deve ser um deserto e com o tempo toda a sua alma será consumida pelo Vazio e pela Desolação. O jogo será o oásis, a única fonte de vida nesse deserto. Vão se romper todos os laços de amizade, todos os preceitos morais e todos os elos da sociedade. O bronze da catedral poderá soar triste pela morte do pai, da mãe, de um amigo, mas será impossível abandonar a mesa. O jogo domina todas as suas faculdades, todos os sentimentos. Quem sofre dessa doença sabe que não há infecção mais grave para a alma. Preciso que você, caro leitor, entenda tudo isso para que saiba o tipo de canalha que me tornei. Com mentiras e armadilhas atraí jogadores experientes e tornei-me um mestre em reconhecer sinais sutis, tiques nervosos e os estranhos rituais de proteção dos supersticiosos. Aquele cavalheiro jamais cruza as pernas ou os braços, aquele outro respira sobre as cartas na crença de que o hálito carrega o poder da sua alma; o outro não joga antes das seis da tarde e aquele outro não toca no baralho se não estiver usando na lapela um alfinete de ouro. Cada um, mais cedo ou mais tarde, acabava na minha teia habilmente tecida com astúcias e trapaças. Mas não roubei apenas a bolsa de profissionais. Seduzi sem piedade gente honesta e fiz com que apostassem o pão dos filhos e o único teto. Usei meus truques para provocar falências, dividir famílias e coloquei no bolso sem remorso dotes e heranças. Em pelo menos um caso confirmado fui responsável por um suicídio. Meu nome estava amaldiçoado e respingado de sangue no bilhete de despedida que um cavalheiro, irremediavelmente falido, teve o cuidado de deixar sobre a mesa antes de apertar o gatilho.

Peço que o caro leitor entenda que fiz tudo isso sem uma piscadela de hesitação, sem que minha mão tremesse, sem uma única gota de vergonha ou arrependimento. Se puder acreditar que me

tornei incapaz de um pensamento honesto ou de uma ação generosa, então poderá compreender o que Isoba fez por mim.

Aos 14 anos eu já estava completamente consumido pelo carteadado e era tão conhecido quanto Tomaz nos bordéis, embora frequentasse com mais entusiasmo a Rua do Macedo, o ninho de casas de jogo de Santana do Ouro Velho.

Meu pai percebeu que eu estava me transformando em tudo o que ele mais temia. Era um fazendeiro de café bem relacionado na Corte e sonhava com o título de Barão de Ouro Velho. Já tinha investido uma fortuna em doações para hospitais e asilos e não perdia uma oportunidade de cortejar ministros, receita segura para ser incluído na lista de candidatos apresentada de tempos em tempos ao Imperador. Comparecia sempre em grande estilo a festas e eventos oficiais e recebia aqui e ali notícias animadoras, mas nada acontecia. Continuava gastando e insistindo, acreditando possuir todas as condições para o baronato. Na frondosa árvore dos Marcondes não havia bastardia, artesãos ou qualquer galho mouro ou judeu. Cumprindo exigências tão severas e já com mais de dez mil contos de réis investidos no negócio, não poderia admitir ter o sonho arruinado pelo meu comportamento. Quando percebeu que eu pouco me importava com os castigos e as surras e que ganhava nas mesas de jogo mais do que o suficiente para sustentar os meus vícios, fui despachado às pressas para estudar em Paris. Rapidamente descobri os lugares certos para um carteadado e juntei-me aos boêmios franceses de pior fama. Os professores consideraram o meu estilo de vida intolerável e fui expulso do internato aos 17 anos. Meu pai conseguiu que eu fosse aceito por uma pequena, mas respeitável escola em Londres e então cruzei o Canal. Durante a travessia, concluí que para continuar recebendo as gordas mesadas era melhor ser um aluno razoável, mas empenhei-me apenas o suficiente para não ser expulso outra vez. Cumpria as minhas obrigações e suportava estoicamente a companhia tediosa de janotas e falsos rebeldes, mas contava os segundos até poder sair pela noite como o vigarista predador que me tornara. Durante o dia, fingia ser um acadêmico pouco promissor, mas ainda um acadêmico, enquanto nas madrugadas buscava sobre o feltro verde de mesas perigosas o meu verdadeiro destino.

O jogo era ilegal em Londres, mas impedir o carteadado seria tão impraticável como proibir o *fog* na cidade. Era possível ganhar ou perder

fortunas nos dois lados do Tâmis a qualquer hora do dia ou da noite. Na Rua Ratcliff, seguindo o rio de Whitechapel a Stepney, os *pubs*, os bordéis e os bailes públicos estavam sempre de portas abertas e havia algum dinheiro se você estivesse disposto a suportar o cheiro azedo de cerveja ruim e salsicha barata. O esforço valia a pena. Rapazes ricos costumavam frequentar os bairros violentos, onde eram disputados por prostitutas, algumas com 15 anos de idade. Para mim, essas aventuras acabaram se mostrando mais perigosas do que lucrativas. Com minhas roupas elegantes, meu sotaque exótico e minhas libras sem fim, despachadas do Rio de Janeiro pelos escritórios de meu pai como cartas de crédito, eu estava destinado ao lado oeste da cidade, o endereço do dinheiro. Minha boa aparência combinava com a agitação nos arredores dos Correios; as ruas largas, a multidão de prósperos negociantes, magnatas do algodão, da lã e do açúcar. O som do dinheiro era o ruído das carruagens com aros de metal puxadas por cavalos ferrosos e bem cuidados, os arreios de couro novo rangendo na marcha elegante. Eu também não destoava dos frequentadores dos restaurantes da Rua Oxford ou dos apreciadores de charutos do Cigar Divan. Misturava-me com tranquilidade ao desfile de abençoados que aos sábados percorria a pé ou a cavalo a Rotten Road e ali eu examinava damas e cavalheiros como o lobo avalia as ovelhas.

Apreendi rapidamente que cartas de recomendação produzem outras cartas de recomendação e assim meu rebanho foi ficando maior. Nos mínimos detalhes fui assegurando a minha condição de cavalheiro e cultivei com esmero todos os bons modos do Velho Mundo: cartas de agradecimento formal sempre em francês, jantar das dezessete às vinte horas e o número certo de batidas na porta. Os carteiros batem secamente duas vezes, o cavalheiro cinco lentamente e as damas sete vezes rapidamente, um meio elegante de saber o tipo de visita antes mesmo de abrir a porta. O maior triunfo para quem vence todas as provas de etiqueta e elegância é o convite para o jantar oferecido pelas ricas companhias inglesas. O felizardo será recebido no grande salão atrás dos Correios e o banquete será servido em baixelas de ouro. Para ser franco, eu não tinha ambições de frequentar a “alta sociedade” simplesmente porque não é possível ser inglês se você não é inglês. Além disso, todo vigarista profissional sabe que nesse ofício o melhor é se manter no “círculo da moda” pela mesma razão que tosquiador muitas vezes a lã é mais lucrativo do que assar uma só vez a ovelha.

De maio a junho, a vida dos endinheirados fica agitada com as óperas, os espetáculos e as corridas em Epsom e Ascot. De outubro a março, os ricos vão para o campo para a temporada de caça e, no isolamento rural, as garrafas ficam vazias mais depressa e as apostas mais generosas. Nos hotéis também fiz bons negócios, preferindo circular nos arredores de St. James. Frequentei com sucesso os salões do Claredon, na Rua Bond, onde falam francês, e minha curta, mas intensa temporada em Paris, servia para quebrar o gelo. O Grillon's, na Albermale, também era bastante lucrativo e preferi evitar jogar no Fenton's pelo simples fato de que foi ali que me instalei e um trapaceiro nunca joga em casa.

Todo jogador sabe que o *Whist* é um jogo tedioso, com pouco espaço para trapaças, mas felizmente o *Cribbage* oferece oportunidades excelentes para quem tem talento. E eu, caro leitor, tinha talento.



Quem leva o jogo a sério sabe que a sorte é algo que se pode desejar, mas o que está por vir precisa ser planejado e o destino na mesa de jogo nunca é deixado ao acaso. *Faber quisque fortunae suae*, “cada um é o artífice de sua fortuna”. Assim, depois de perder quantias consideráveis, anotadas na minha caderneta como investimentos, estabeleci a minha reputação de jogador honesto com mais dinheiro do que juízo. Era aceito nas melhores rodas, tolerado de boa vontade como um cavalheiro um tanto exótico, perdoado por não ser inglês e acolhido alegremente por ter bons modos e os bolsos cheios de libras bem inglesas. Enquanto desempenhava o papel de falso estudante, mas rico e dominado por uma compulsão verdadeira pelo jogo, fui pacientemente afiando as minhas garras de predador.

No mundo da trapaça, mais cedo ou mais tarde o artista sente a necessidade de trabalhar com um parceiro, pois um pássaro não voa com uma asa só. Meu primeiro assistente foi um jovem italiano que chamarei aqui de Salvatore. Foi um acordo breve, mas proveitoso, e tínhamos muito em comum: ambos estrangeiros de boa aparência, jogadores compulsivos, devotos fiéis da deusa cega e dilapidando o patrimônio da família sem nenhum remorso. Começamos com trapaças simples, golpes quase inocentes, um deles conhecido pelos profissionais como “telégrafo”, muito eficiente se a mesa estiver cheia de otários e você se surpreenderia ao saber como é fácil encontrá-los.

Salvatore rodeava a mesa como um espectador inocente, bebericando o seu *brandy*, e sem dizer uma palavra era capaz de descrever as cartas dos meus adversários usando um código. Tocar o nariz, soltar a fumaça do cigarro para o lado esquerdo ou direito, segurar a taça com três ou quatro dedos. Tínhamos um repertório de gestos naturais que se mostraram lucrativos por algum tempo. É preciso prudência nessas coisas e já tínhamos outras artimanhas em preparação quando Salvatore foi chamado de volta à Toscana. Até hoje não sei ao certo, mas suspeito que a fonte de seus rendimentos tenha secado ou alguma tragédia familiar tenha se revelado mais importante ou lucrativa do que a nossa sociedade. Por alguma dessas razões, Salvatore se foi no meio da noite depois de limpar a minha carteira e deixar como recordação uma dívida considerável no hotel.

Eu tinha 21 anos, gostava de Londres e penso que Londres também gostava de mim. Mesmo agindo com cautela, sabia que essas boas relações não iriam durar para sempre. Comecei a ficar conhecido pelos trapaceiros mais hábeis e quando isso acontece o nosso manual recomenda mudar de pasto ou associar-se ao lobo mais feroz da região. No submundo, essa sugestão está fundamentada na crença de que “cão não come cão, lobo não come lobo”.

Meus informantes concordavam que o Sr. Gurney poderia ter algum interesse nos meus talentos. Eu o conhecia apenas de vista, mas sua reputação no mundo do crime equivalia a um título de nobreza. Mesmo que sempre bem-vestido e comportando-se como um refinado cavalheiro, ainda assim era fácil perceber que tinha origens modestas. Era um sujeito calvo, baixo, mas corpulento, sobrancelhas grossas, quase unidas, nariz largo quebrado mais de uma vez e uma voz que soava como lixa raspando o granito. Parecia um lutador do pugilismo clandestino organizado às quartas-feiras na Saville House, na praça Leicester. Soube mais tarde que essa impressão era plenamente justificada e que na juventude James Gurney tinha feito ali um bom dinheiro e uma terrível reputação derrubando lutadores com o dobro do seu tamanho.

Fui apresentado a ele formalmente no saguão do meu hotel e trocamos algumas palavras polidas, mas, pela natureza da conversa que pretendíamos ter, seguimos em silêncio num coche alugado até os arredores da Igreja de São Olavo. Atravessamos um pequeno pátio às escuras e entramos num casebre onde alguns rapazes empilhavam caixas de chá, certamente contrabandeadas. O Sr. Gurney me levou,

então, ao seu escritório ou pelo menos foi assim que chamou um cômodo imundo no segundo andar com uma mesa e duas cadeiras. Acendeu um lampião e de uma gaveta tirou uma garrafa de *scotch* e dois copos. Eu estava nervoso e recusei polidamente, mas ele deu a entender que recusar não era uma opção. Disse que precisávamos beber, pois “só os bêbados e os loucos falam a verdade”. E foi o que fizemos. Com um gesto impaciente fui dispensado de mostrar os meus talentos de jogador e guardei o baralho com uma ponta de orgulho ao saber que já tinha uma reputação entre a nobreza dos canalhas. O Sr. Gurney era uma lenda viva, controlando com mão de ferro quase todos os crimes e violências de uma cidade com mais de dois milhões de habitantes. Fez dinheiro nas lutas clandestinas e entrou depois para o ramo de arrombamentos, agenciando uma legião de *Dollymops*, que era como chamavam as prostitutas que trabalhavam durante o dia como faxineiras ou copeiras e depois faziam discretamente algum extra nos bailes públicos. Passavam informações aos arrombadores e o resto era uma questão resolvida por um diamante de vidraceiro ou mesmo com um pouco de jornal com melado para abafar o ruído do vidro quebrado. O Sr. Gurney foi então galgando posições no submundo e sagrou-se como o monarca de uma nação clandestina formada por ladrões, chantagistas, assassinos e vigaristas. Inspirando medo, derramando sangue e contando com uma rede de espiões, ele estava sentado no trono das oportunidades. Eu sabia exatamente o que ele poderia fazer por mim, mas tinha dúvidas se meus talentos, limitados ao carteado e à falta de escrúpulos, poderiam interessá-lo. Eu era um estrangeiro com dinheiro, modos de *gentleman* e dedos ágeis, mas só isso. Seria fácil encontrar outros jogadores com meus atributos, bastando para isso procurar nos lugares certos. Foi no final da garrafa, já com a língua mais solta, que o Sr. Gurney abriu o coração. Explicou que eu tinha uma qualidade rara, algo realmente valioso a oferecer. A verdade é que ele precisava de uma rota de fuga, um plano para escapar das autoridades. Os negócios estavam crescendo demais e, na opinião dele, isso não era bom, mas era tarde demais para recuar. A lei estava fechando o cerco desde 1829 com a criação da Polícia Metropolitana.* As autoridades estavam investindo em grupos de policiais eficientes e boatos diziam que haveria uma faxina em Londres. Para alguém que começou “carregando peixes em Billingsgate”, como o Sr. Gurney costumava se

referir a si mesmo, ele já tinha ido longe demais. Calculava que com um pouco de sorte e muito suborno teria apenas mais um ou dois anos de atividade. Pretendia fugir antes disso e, pelo que tinha ouvido falar, o Brasil seria o local perfeito para uma segunda vida, um “renascimento”, como chamou. Ele cuidaria de mim em Londres, mas, quando chegasse a hora, eu deveria cuidar dele no Brasil. O trato era esse, a verdade sagrada do louco e do bêbado. Não vi nenhuma dificuldade na proposta e selamos ali nosso acordo com um aperto de mãos como se fôssemos os cavalheiros honrados que para o resto do mundo fingíamos ser. Foi a partir daí, pela mão do Sr. Gurney, que comecei a minha escalada no mundo do crime, começando por visitar um certo alfaiate na Rua Regent. Era um mestre no seu ofício e atendia uma clientela respeitável nos salões da frente, mas pelas portas dos fundos oferecia seus serviços aos melhores ilusionistas e trapaceiros de Londres. Comprovei sua competência quando recebi meus ternos e fraques preparados com bolsos secretos. Com esses e outros recursos que o Sr. Gurney se apressou em providenciar, começamos a depenar Londres com paciência e método.

Com uma ponta de orgulho devo dizer que o Sr. Gurney permitiu que eu conhecesse e usasse os recursos de uma Londres que jamais era revelada a estrangeiros. Artimanhas, truques de arrombamento, códigos e sinais, alguns tão inocentes quanto uma canção assoviada descrevendo uma presa a caminho, além de golpes mortais e técnicas sujas de luta corpo a corpo; tudo isso me foi revelado por gente perigosa, com uma vida inteira dedicada ao crime. Aprendi a usar a bengala, a faca e a navalha como os assassinos de aluguel e ganhei livre acesso aos lugares mais perigosos da cidade. Passei a frequentar também as tabernas clandestinas, onde, depois de um longo dia aplicando golpes, todos os vigaristas são milagrosamente curados da gravidez indevida, da cegueira, do aleijão e da loucura. Bebiam, jogavam e dançavam perfeitamente saudáveis para no dia seguinte voltarem às ruas como a falsa grávida ultrajada, o velho marinheiro cego, o valente soldado aleijado e o louco miserável.

O Sr. Gurney lucrava tanto com a prostituição quanto com o contrabando. Por uma questão estritamente comercial, mantinha suas garotas um pouco mais bem cuidadas do que a média, o que não quer dizer que não levassem uma vida triste, perigosa e miserável. Carregavam menos *rouge* no rosto do que as demais e as roupas imitavam os

modelos da moda, mas os tecidos eram baratos e grosseiros. Para elas, pertencer ao Sr. Gurney significava muito em termos de proteção, e podiam contar com melhor tratamento no Hospital Magdalen ou no Lock se ficassem muito doentes. Mas a vida era dura, o dinheiro curto e a concorrência violenta. O *Times* e o *Morning Chronicle* diziam que eram 9 mil prostitutas em toda a cidade, mas todo mundo sabia que passavam de 50 mil. Na Commercial Road, entre as ruas Flower-and-Dean e Aldgate, ficam amontoadas, e descendo a Haymarket era possível esbarrar em 20 mulheres a cada 100 passos, todas bêbadas, desesperadas, muitas doentes e algumas com 14 anos de idade.

Minhas responsabilidades estavam limitadas ao carteador e nas mesas de jogo passei a contar com uma multidão insuspeitável de “telegrafistas”, “iscas” e “chamarizes”, além de uma eficiente rede de informantes e batedores de carteiras. No jogo do *Cribbage* decidimos violentar a sorte e utilizamos com sucesso baralhos “preparados”, com 6, 7, 8 e 9 ligeiramente mais curtos, enquanto as cartas 5 e 10 eram sutilmente mais estreitas, mas apenas mãos muito profissionais poderiam perceber esses arranjos. Foi o recurso de preparar baralhos que nos animou a dar o passo seguinte, mas depois disso a deusa cega decidiu acabar comigo.

Um baralho bem preparado torna qualquer trapaça mais fácil, mas é preciso muito cuidado. Para evitar truques desse tipo, as autoridades inglesas têm uma dura legislação. Na Inglaterra, apenas Londres tem permissão para fabricar baralhos e na Irlanda isso só pode ser feito em Dublin ou Cork. Os pacotes são embrulhados na fábrica e recebem um selo oficial. Vender ou mesmo expor na vitrine baralhos sem essa marca é contra a lei. O mais importante é que antes de as cartas receberem o polimento final, o ás de espadas ganha um carimbo e, para isso, um sisudo comissário supervisiona atentamente a tarefa. Todos os fabricantes cumprem essa formalidade e, por essas razões, os baralhos ingleses têm boa reputação em toda a Europa. Os baralhos franceses também são decentes, mas pecam na qualidade por serem feitos com apenas três camadas de papel prensado e não quatro, como se faz na Inglaterra. Além disso, são impressos com tinta à base de óleo, segundo uma receita bastante discutível criada pelo Sr. De la Rue.

Eu já havia encontrado baralhos com pequenos macetes no verso das cartas, mas eram fabricados na França, Alemanha ou

Espanha, jamais na Inglaterra. Esta era a beleza do nosso golpe: trapacear usando os baralhos mais confiáveis da Europa. Para isso, o Sr. Gurney fez o que sabia fazer. Subornou o dono da Sanderson & Hewley, um fabricante respeitável, e conseguiu chantagear um comissário provando, assim, que o amor aos filhos está acima da ética profissional e da lei. Ajudei um gravador alemão a criar e inserir códigos misturados habilmente aos ornamentos no verso das cartas. Trabalhei por semanas nas oficinas gráficas até que tudo estivesse perfeito, mas minha responsabilidade maior nisso tudo era a tarefa de sempre: jogar com habilidade, dedilhar a sorte como se fosse um alaúde, arrancando com artimanhas e astúcias todo o dinheiro dos adversários. Em alguns meses fizemos uma fortuna considerável, mesmo descontando os altos investimentos, mas então a sorte virou. O desenhista alemão teve uma crise de consciência ou não recebeu o pagamento combinado e o fato é que denunciou o golpe. O comissário também cedeu quando foi interrogado e todo o esquema foi descoberto. James Gurney conseguiu escapar porque tinha informantes na polícia, mas fui preso no meu quarto de hotel.

Descobri da pior maneira a principal diferença entre as leis inglesas e brasileiras. No Brasil, as leis protegem a vida mais do que a propriedade, enquanto na Inglaterra é o oposto. Cinco libras de multa por quebrar um nariz e talvez uma semana de prisão, mas não ouse roubar um único alfinete de gravata ou sentirá todo o peso da justiça de Sua Majestade.

As acusações contra mim eram graves e as provas inquestionáveis. Os depoimentos arrancados do comissário e a confissão do artista alemão selaram a minha sorte. Nos tribunais, foi fácil perceber que aqueles senhores de perucas brancas tinham mais o que fazer do que perder tempo com um vigarista estrangeiro e meu julgamento foi rápido. Na opinião dos meus acusadores estavam diante de um caso que não deixava dúvidas quanto à culpa, mas foram além filosofando no sentido de que havia na “coisa toda” um aspecto “interessante”. As evidências e a minha culpa mostravam até que ponto o modo de vida inglês poderia influenciar “outras culturas primitivas”. Nas alegações finais foi dito que eu não passava de um “ladrão vulgar gerado em uma terra primitiva”, mas que, após anos de convivência com distintos cavalheiros ingleses, eu havia adquirido um “verniz de civilização e um certo refinamento”. Minha conduta provava, assim, que

a Inglaterra poderia educar e polir um selvagem, um ladrão comum, mas os valores ingleses nada podiam contra “uma índole preguiçosa e criminosa, tão comum nos países abaixo do Equador”. A questão toda acabou resumida ao fato de que eu estava roubando a Inglaterra e, no desdobramento dessa lógica, roubando o mundo civilizado. Pela força desse argumento esperei com resignação a pena de morte por enforcamento, mas fui condenado a seis anos de trabalhos forçados no presídio de Dartmoor, na Cornualha. Ao ouvir a sentença, pensei que de onde estivesse James Gurney ainda estava cumprindo a sua parte no trato e protegendo os próprios interesses. Pensei que para manter aberta a sua rota de fuga ele havia afastado a corda do meu pescoço, mas então outro pensamento me ocorreu. A notícia de minha prisão poderia ter chegado aos ouvidos de meu pai percorrendo as vias comerciais até a Corte e o dinheiro dele poderia estar puxando alguns cordéis. Eu tinha razão em ambas as suposições. Um bilhete anônimo deixado na minha cela confirmou que meu pai estava em Londres, mas não desejava me ver. Em poucas linhas, explicava que um acordo estava em andamento e em breve eu teria mais notícias. Poucos dias depois, sob o prato de sopa, encontrei outro bilhete, mas dessa vez estava escrito na gíria dos ladrões e deduzi que era de James Gurney ou alguém a seu serviço. Era um aviso de perigo deixando claro que eu deveria me preparar para o pior. Em Dartmoor, eu teria alguma proteção, mas alguma coisa havia acontecido e a notícia era de que eu seria enviado em breve para o novo presídio de Pentonville, ao norte de Londres, um lugar sobre o qual ninguém parecia saber nada, a não ser que funcionava segundo “novos conceitos reformistas”. O bilhete dizia que da prisão eu seria deportado para a Terra de Van Diemen, como era chamada a colônia penal inglesa localizada na Austrália, e me desejava toda a boa sorte do mundo.

Essa previsão se confirmou e recebi uma nova sentença que me condenava a 18 meses no presídio de Pentonville e, em seguida, à deportação para a Austrália, onde deveria permanecer até o fim dos meus dias.



O presídio de Pentonville foi criado para ser um túmulo para os vivos. Os outros presídios foram construídos para fazer justiça, mas Pentonville – ou “A Vila” como ficou conhecido – foi planejado

como um ato de vingança. Os edifícios, cercados por muros de cinco metros de altura, formam cinco galerias que partem de um ponto central e à primeira vista não parece uma prisão. Para cumprir pena ali era preciso ter boas condições físicas e idade entre 18 e 35 anos. Eu preenchia essas exigências e no dia 15 de setembro de 1843 tornei-me o prisioneiro D2-186. Antes da porta da cela se fechar recebi a visita do Sr. Fields, diretor do presídio, acompanhado do Major Joshua Jebb, ex-oficial de engenharia e inspetor-geral das prisões. Num tom bastante cordial, foi ele quem me explicou que Pentonville funcionava segundo um conceito reformista revolucionário. Disse que a única maneira de transformar um criminoso em um novo homem era submetê-lo a um completo isolamento. Para ele, o delinquente era um indivíduo infectado e para evitar a “contaminação por associação” era fundamental destruir qualquer possibilidade de contágio. Limpando os óculos com um lenço, ele explicou que era necessário privar o detento de todo o contato com os outros habitantes do submundo e da delinquência. Só do completo isolamento, do trabalho exaustivo e da estrita obediência às leis morais poderia nascer um novo homem. Acrescentou com orgulho que Pentonville oferecia todas essas condições e ainda um outro importante benefício. Além do isolamento, do trabalho duro a ser realizado na própria cela e da rígida disciplina, eu seria submetido ao que ele chamou de “barreira do silêncio”. Nenhum detento de Pentonville tinha permissão para falar. O Sr. Fields então acrescentou que essas condições eram a única maneira de recuperar um criminoso e eu faria bem em aceitar tudo isso como benefícios generosamente concedidos pela justiça inglesa. Deveria, portanto, provar às autoridades todos os dias a minha mais sincera gratidão. Antes de saírem, o major enfatizou mais uma vez que detentos dóceis em suas celas silenciosas eram o único processo eficiente de desinfecção.

Por onze meses e dezenove dias, vivi numa cela de quatro metros por dois sem nunca dirigir a palavra a um guarda ou detento. Das seis da manhã às sete da noite trabalhava na mesinha perto da cama consertando sapatos e via meus companheiros de infortúnio quando caminhávamos pelo pátio por trinta minutos, se o tempo estivesse bom, mas jamais vi seus rostos. Fora da cela éramos obrigados a usar máscaras de pano* para impedir qualquer tipo de reconhecimento e camaradagem. A única identificação era uma pequena placa de latão

presa à roupa mostrando o nosso número de registro. Ouvindo uma conversa entre os guardas, soube que alguns prisioneiros afiaram as bordas dessas placas e cortaram a própria garganta.

Depois de alguns meses, quando não suportei mais a solidão profunda e a maldita barreira de silêncio, gritei na minha cela até perder a voz e arranhei as paredes com a minha placa de identificação. Fui contido por três guardas e aprendi que em Pentonville havia uma diferença entre isolamento e o castigo que chamavam de “segregação”. Fui jogado na solitária, o ventre imundo da besta, um buraco eternamente escuro, com uma pequena abertura para fazer circular o ar e um cano que jorrava água a cada dois dias. Todas as noites desciam por uma corda uma panelinha com uma sopa amarga e alguns gramas de pão. Fiquei ali na escuridão imunda por quarenta dias e só sobrevivi porque passei a maior parte do tempo aprendendo o código de pequenas batidas usando uma colher contra o cano. Por esse código, soube que o homem que me ensinou essa linguagem estava na solitária no fim do corredor e se chamava Daniel, condenado a Pentonville por ter matado o padrasto e no buraco há cinquenta e sete dias por ter agredido um dos guardas.

Para manter a eficiência do sistema de isolamento, o prisioneiro tinha direito a receber apenas uma visita a cada três meses e o encontro não poderia durar mais do que quinze minutos. Essa era a única ocasião em que era permitido falar abertamente. Meu pai veio me visitar somente na quarta data de visita. Da porta da cela, segurando o chapéu e a bengala, explicou que as coisas estavam se ajeitando e em breve eu teria notícias. Num tom que não escondia o seu descontentamento, deixou muito claro que todo o esforço e todo o dinheiro gasto para resolver o meu caso eram apenas em consideração à minha mãe. Se fosse pela vontade dele, eu poderia apodrecer em Pentonville, na Austrália ou no Inferno. Já tinha aceitado há anos a ideia de que seu único filho estava morto. Só então entendi que ele havia usado seu dinheiro e sua influência para que eu fosse deportado para Van Diemen, onde não causaria mais constrangimentos. Sem essa interferência para piorar a minha situação, ele avaliou que eu poderia sobreviver aos seis anos de trabalhos forçados em Dartmoor e, de volta ao Brasil, eu seria enquanto vivesse uma mancha de esterco no nome Marcondes e o fim de qualquer sonho de baronato. Não posso imaginar que tipo de ameaça ou chantagem minha mãe teria

feito, mas ali estava meu pai na porta da minha cela, obrigado a dar a notícia de que em breve eu seria libertado. Fiquei sentado na cama, calado, mesmo com a única permissão para falar em meses.

No dia 19 de outubro de 1844 deixei a prisão. Antes de passar pelos portões, tive que assinar uma declaração jurando jamais colocar os pés novamente na Inglaterra. Recebi então uma passagem para o Brasil no vapor da Royal Mail zarpando de Southhampton.

Trinta e oito dias depois desembarquei no Rio de Janeiro.

Tinha ficado ausente mais de nove anos. Um dos comissários que cuidava dos negócios da família já estava à minha espera no cais e foi ele quem providenciou tudo para que no dia seguinte eu viajasse com alguns tropeiros. Segui com eles pelo Caminho Novo da Estrada Real* até quase Santana do Ouro Velho. Desde a travessia do Atlântico e durante toda a viagem com os tropeiros, eu fui incapaz de falar ou tomar iniciativas. Viajei num estado de semiloucura e, mesmo com o fim da regra e tão longe dos muros de Pentonville, eu ainda era prisioneiro da “barreira do silêncio”.

Percorri o Caminho Novo com os tropeiros, mas cavaleguei sozinho os dois últimos dias de viagem. Nos pastos e terreiros de café, encontrei velhos escravos dos tempos da minha infância. Apressavam-se em tirar o chapéu e acenar, mas pelas suas expressões eu sabia o que estavam se perguntando.

Alguém deve ter avisado que eu estava chegando, pois, quando passei pelo curral, deixei o cavalo e entrei no jardim da casa-grande, minha mãe já estava no pátio. Ao abraçá-la não consegui chorar. Ela conseguiu, mas não inteiramente de alegria pelo meu regresso. Foi um choro convulso, doído, um desabafo, um gesto que mostrava o seu grande arrependimento em relação a tudo e a todos, e isso me incluía. Em quase dez anos, ela tinha envelhecido algumas décadas. As rugas bem marcadas na testa, sob os olhos sem brilho e ao redor da boca; a tristeza, mais do que os anos, havia roubado cruelmente o viço da dama que costumava reunir junto ao piano todos os homens da nossa aristocracia rural. Abracei uma mulher magra, cansada, viúva de tudo, adequadamente vestida naquela manhã de cetim negro. Enxugou os olhos e finalmente conseguiu sorrir. Soube por ela que meu pai estava em São João del-Rey cuidando dos negócios e fiquei aliviado ao saber que ao menos naqueles primeiros dias não precisaria enfrentá-lo.

Um escravo levou para o quarto a minha única mala e depois que saiu tomei coragem para me olhar no espelho. O rapaz de 23 anos que vi era um homem destruído. Foi isso que os escravos viram e se perguntaram o que havia acontecido com o garoto feliz a quem haviam pajeado e servido. Eu poderia responder que, em dez anos, jogando contra a deusa cega, apostando a minha juventude, havia perdido todas as fichas que colocara sobre a mesa. Vítima infeliz do esquema clássico da boa trapaça, tinha recebido algumas boas cartas só como isca e, por fim, fui roubado de todo o ânimo e felicidade. No espelho, avaliando a minha imagem com os olhos treinados de jogador, vi apenas um grande otário.



Gostaria de poder dizer que o retorno ao lar significou o meu renascimento e que me tornei a partir de então o filho que meu pai sempre desejou, mas nada disso aconteceu. Pelo menos não por muito tempo.

Tive com meu pai um encontro decisivo no dia em que ele voltou de São João del-Rey duas semanas depois do meu regresso. Poderia ter sido um diálogo, mas outra vez apenas ele falou. Mandou um criado avisar que ele estava me esperando na biblioteca. Encontrei-o sentado na poltrona lutando para tirar as botas longas de viagem, salpicando de lama o assoalho recém-polido. Ofereci-me para ajudar, mas ele recusou com um gesto impaciente. Falou sobre as regras da casa sem me olhar nos olhos, o decálogo que eu deveria respeitar se desejasse viver sob aquele teto. Eu sabia que ele não acreditava nem por um instante que eu pudesse cumprir o que chamou de “acordo de homens de negócios”, acrescentando que no meu caso seria ridícula a ideia de um “acordo de cavalheiros”. Eu era um investimento perdido, um naufrágio e tudo se resumia a tentar salvar o que pudesse para diminuir o prejuízo. Isso significava me obrigar a ocupar nos negócios da família uma função apenas um pouco melhor do que um moleque de recados, um cargo feito de pequenas tarefas e grandes humilhações. Deixou claro – e dessa vez seus olhos azuis faiscaram na minha direção – que eu não estava sendo preparado para assumir nada, mas apenas retribuindo a comida e o teto. Quando terminou, apontou a porta e as botas e entendi que minha primeira tarefa era levá-las para fora.

Eu não tinha mesmo nenhum interesse nos negócios, desprovido que era das esporas venenosas que se adquire quando se vive de comprar e vender. Qualquer ambição ou planos para o futuro haviam sido destruídos pela rotina enlouquecedora de Pentonville.

Cada uma das proibições impostas por meu pai acertava em cheio um dos meus vícios, mas concordei com tudo. Como eu já suspeitava, minha prisão havia colocado uma pedra sobre o negócio do baronato e só restara a alternativa de substituir a nobreza impossível pelo temor e respeito que uma montanha de dinheiro pode comprar. Meu pai seguia o conselho de Sêneca: *dat censos honores*, “a riqueza concede honrarias”. Naquela tarde na biblioteca fui recrutado para servir unicamente ao plano de ganhar dinheiro. Para isso, recebi no dia seguinte instruções gerais por escrito sobre as plantações, a escravaria e alguns meses depois fui despachado para a Corte. Ali, por mera formalidade, fui apresentado aos sócios da Domingues & Cia., parceiros comerciais dos Marcondes há décadas.

Em minha defesa devo dizer que por quase quatro anos dediquei-me de corpo e alma a ser um auxiliar de valor. Enfrentei sem mapa ou guia um labirinto de comissões, partilhas, percentuais e investimentos. Comprei e vendi escravos, milho, café e gado como se fossem a mesma coisa. Foi assim que descobri que meu pai e eu tínhamos mais semelhanças do que diferenças. A seu modo, Inácio Marcondes era um jogador compulsivo e um grande trapaceiro. Para lucrar nos negócios, mentia sem hesitar não apenas para os rivais e concorrentes, mas principalmente para amigos, sócios e aliados. Roubava nas contas, nas arrobas, nos percentuais, no câmbio, nas sacas, na quantidade e qualidade de tudo o que vendíamos ou comprávamos. Descobri, por fim, que mentia também para nós. As constantes viagens eram visitas à amante, uma vendedora de uma loja de aviamentos em São João del-Rey, uma pobre órfã que não tinha completado ainda 16 anos. Compreendi, então, a dor de minha mãe e descobri que a sua tolerância para a infidelidade de meu pai era o preço que ela concordara pagar pela minha liberdade.